

É hora de conciliação

Expedido Filho

Com a decisão do Tribunal Superior Eleitoral contra a exigência de fidelidade partidária no Colégio Eleitoral, a euforia tomou conta da Frente Liberal, fortalecendo os entendimentos em torno da conciliação nacional. Entretanto, essa conciliação somente se tornará factível com a seguinte condição: nas negociações não serão colocados na mesa as candidaturas à presidência e à vice-presidência da República.

Segundo um dos coordenadores da Frente Liberal, a exigência se baseia no fato de que Aliança Democrática, além de ser vitoriosa no Colégio Eleitoral, conta também com o apoio da Nação. E foi, nessa posição de força que ontem os frentistas, durante uma homenagem ao presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, prevista há algum tempo, resolveram fortalecer a candidatura do senador José Sarney.

A demonstração da Frente Liberal em prol da candidatura à vice-presidência do governo da Aliança Democrática foi reforçada por uma revelação do próprio senador José Sarney. Após o término da "homenagem a Ulysses Guimarães",

ele confidenciou que o general Costa Cavalcanti teria lhe dito, por telefone, que não serviu de instrumento de articulações, visando a sua substituição na chapa aliancista por um nome de confiança do presidente Figueiredo.

No entanto, a conversa em torno da conciliação com o sacrifício da candidatura Sarney vem circulando na Frente Liberal, há 20 dias, como consequência das turbulências no processo sucessório. O primeiro liberal a falar sobre essa possibilidade foi o deputado Israel Pinheiro Filho (FL-MG), que defendia para o lugar do Sarney o nome do líder do PDS, Nelson Marchezan.

Mas a idéia, embora tenha recebido apoio de setores aliancistas e de áreas do Governo, da qual faziam parte o ministro Delfim Netto e o general Costa Cavalcanti, refletiu em função da não concordância do vice-presidente Aureliano Chaves e do próprio presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, que viu nessa articulação, transmitida pelo líder Freitas Nobre, a abertura de flancos que implicaram na implosão da Aliança Democrática. Já o vice-presidente tinha outros

motivos, pois a indicação de Sarney é de sua autoria.

Enterrada essa proposta, já que os liberais consideram suas candidaturas irremovíveis, inicia-se a segunda etapa da costura da chamada conciliação nacional. Na mesma hora, que o senador José Sarney reforçava, com apoio de Ulysses Guimarães, a sua posição, o general Costa Cavalcanti matinha, no Palácio do Jaburu, uma longa conversa com vice-presidente. A princípio, os liberais, arriscando um palpite, informavam que o general teria levado ao vice-presidente um proposta do ministro Delfim Netto, dando conta que a conciliação nacional passaria pela indicação, de forma consensual, dos próximos ministros econômicos do governo Tancredo Neves.

Além dessa questão, há uma outra: a da escolha dos ministros militares. Na Frente Liberal não se discute abertamente esse tema. E o motivo é claro: os ministros militares do governo Tancredo seriam os generais que até agora lhe deram apoio ou seriam indicados pela cúpula militar do governo Figueiredo? A resposta é delicada e se depende dos termos da articulação em torno da conciliação nacional.